

Os sujeitos da subcentralidade urbana na Amazônia: As novas representações sociais no Distrito de Icoaraci em Belém/PA

*Erick Afonso Santiago Ramos**

*Edna Castro***

RESUMO

O presente trabalho visa abordar um recorte do resultado de pesquisa de mestrado que se debruçou em compreender a dinâmica dos sujeitos sociais, os quais, a partir de suas práticas, desenvolvem representações que culminam na redefinição das centralidades existentes no espaço urbano. Nessa perspectiva, retrata-se a realidade urbana da subcentralidade do distrito de Icoaraci, pertencente territorialmente à cidade de Belém no estado do Pará. O objetivo deste artigo se direciona na exploração das novas representações sociais construídas pelos sujeitos, em especial por comerciantes informais e moradores a fim de compreender como esse processo cognitivo influencia na redefinição da subcentralidade icoaraciense a partir da Feira da Oito de Maio, no subcentro recém localizado ou no recente subcentro da Avenida Augusto Montenegro. A pesquisa interdisciplinar se pautou na revisão bibliográfica de algumas noções que norteiam tal discussão. Considera-se que a inter-relação pela ação comunicativa entre os sujeitos com o meio é elementar para o desenvolvimento da manutenção e das mudanças de preferências de equipamentos e espaços de consumo pelos grupos sociais em destaque. Ademais, evidencia-se um comportamento satisfatório dos sujeitos acerca dos equipamentos de comércio e serviço existentes atualmente em Icoaraci, sejam eles de caráter formal ou informal, onde outrora isso se apresentava de modo diferenciado, mas que com o intenso processo de metropolização essa sensação vem sendo minimizada.

Palavras-chave: Subcentralidade urbana. Práticas cotidianas. Representação social. Amazônia.

* Geógrafo, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento do Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), pela Universidade Federal do Pará (UFPA), integrante do Grupo de Pesquisa Estado, Território, Trabalho e Mercados Globalizados (GETTAM/NAEA/UFPA), Brasil. Email: erickafonso@outlook.com.

** Socióloga, Doutora pela Ecoledes Hautes Etudes, França, bolsista CNPq, coordenadora do Grupo de Pesquisa sobre Estado, Território, Trabalho e Mercados Globalizados (GETTAM/NAEA/UFPA), Brasil. E-mail: edna.mrcastro@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Assim como as cidades em todo o Brasil, Belém se apresenta em um contexto de relevantes mudanças no que condiz ao crescimento urbano aliado ao processo de aumento da população urbana juntamente com a dispersão de assentamentos habitacionais desde a década de 1970 do século passado (TRINDADE JR., 1998; MENDES, 2018). Ademais, ressalta-se o quadro econômico histórico da cidade baseado, sobretudo, no setor terciário caracterizando-se como o de maior importância dentro da escala metropolitana no qual a cidade está inserida (TRINDADE JR., 1998).

Diante da expansão urbana nas cidades capitalistas devido a necessidade de acumulação por diversos agentes e suas atividades, seu tecido urbano se estende. Desse modo, esse processo culmina por redefinir, assim, as relações de centro e centralidade¹, assim como as de subcentro e subcentralidade, no seu âmago. Com sua expansão, o crescimento demográfico para essa área se elevou nos anos subsequentes promovendo a migração de um grande contingente populacional (TRINDADE JR., 1998; MENDES, 2018), embora seja importante afirmar que nem sempre no âmbito da estruturação territorial o crescimento populacional encontra-se relacionado ao espraiamento do espaço urbano, tampouco na mesma proporção.

Em Belém, o movimento migratório fora um dos elementos que proporcionou uma desconcentração espacial para regiões afastadas da área central, causando dessa maneira uma forma urbana marcada pela dispersão. Com isso, novos espaços para assentamentos foram sendo procurados em regiões mais afastadas, tanto como em seu espaço intraurbano (como nos distritos de Icoaraci, Caratateua conhecido popularmente como Outeiro e Mosqueiro), como nos municípios vizinhos (Ananindeua, Marituba e Benevides), justificando a dinâmica de crescimento e dispersão da capital (TRINDADE JR., 2016).

¹ De modo a diferenciar centro e centralidade, Sposito aponta que o centro pode ser delimitado a partir da percepção do nível de densidade das atividades de comércio e de serviços, contudo a centralidade não pode ser colocada em limites já que sua ação pode ser modificada dentro do tempo e do espaço de maneira rápida indo para além do intra-urbano, sendo assim o centro se caracteriza pelos fixos enquanto a centralidade é entendida pelos fluxos (SPOSITO, 2004).

Tal crescimento urbano e seu conseqüentemente espraiamento do tecido, embora dado no caso de Belém, num primeiro momento, de maneira ainda descontínua no território diante da existência de áreas institucionais (TRINDADE JR., 1998) assim como o papel especulativo da terra como patrimônio de determinados grupos, pressupõe o reforço e/ou até mesmo na criação de novos espaços de consumo, que possibilitassem favorecer o atendimento dessa crescente camada urbana, promovendo uma intensificação de demandas a serem contempladas na metrópole (CARLOS, 2001).

Castro (2004), quando aborda as redes na Amazônia, aponta que Belém se situa inserida nessa complexidade existente “de mundos de trabalhos diversos e regulados por sistemas distintos – formal x informal – retratados nas diferenças urbanas de renda, de inserção social, de acessos aos serviços e de qualidade de vida” (CASTRO, 2004, p. 22). A autora aponta as conseqüências da manutenção da estrutura nas relações de troca que repercute diretamente na desigualdade social e a ampliação da pobreza na periferia urbana, onde as demandas se elevam.

Juntamente com a história de Belém como cidade e metrópole, destaca-se a trajetória da formação do Distrito de Icoaraci pertencente política e territorialmente à capital do estado do Pará. Conhecida popularmente como “Vila Sorriso”, o distrito carrega suas particularidades dentro do contexto da cidade de Belém. Uma delas que se destaca é a diversidade de sujeitos que constroem, desde a sua gênese até os dias atuais, o espaço urbano de Icoaraci através do seu uso, apropriação e dinâmicas que promovem uma ativa efervescência no espaço.

Castro (2008) chama a atenção para a realização de uma análise que procure entender a cidade pelo sujeito e pelos seus grupos sociais. Para isso, há a necessidade de incorporar “os sujeitos sociais que fazem a cidade, que lutam em posições de classe diferentes e que são os artífices da produção do espaço, da construção de direitos à cidade e da possibilidade de construir a cidade” (CASTRO, 2008, p. 14).

Como este artigo é produto de uma das abordagens de uma pesquisa de dissertação, o intuito foi de se debruçar nas representações sociais construídas pelos sujeitos, em especial por comerciantes informais e moradores para a compreensão da influência do processo cognitivo como possibilidade de redefinição da centralidade, neste caso, no Distrito de Icoaraci.

Icoaraci apresenta um subcentro e, conseqüentemente, uma subcentralidade comercial histórica, mesmo considerando a escala ainda tímida de abrangência que lá se formara quando se pensa no âmbito regional. Algumas conseqüências para o surgimento dessa subcentralidade se deu: pela questão da moradia, havendo a atração de uma camada social que utilizou o referido espaço para a construção de suas residências; ao fator comercial, já que ali fora constituído um entreposto de trocas de produtos com a região das ilhas de Belém e Marajó; por último, o fator locacional, já que era significativa a distância entre ele e o núcleo central de Belém tendo como meio de locomoção apenas os rios (DIAS, 2007).

A partir do contexto de maior integração com o núcleo central da cidade de Belém na década de 1970, capitaneada pelo poder governamental, surge a rodovia (hoje avenida) Augusto Montenegro. Contudo, diante das intensas modificações ocorridas nas últimas décadas no espaço urbano no referido corredor, atualmente se revela como um dos principais vetores da mobilidade urbana de Belém, interligando o núcleo central da cidade com o distrito de Icoaraci. Embora se acredite em outros meios de interligação do lócus com o núcleo de Belém (como o modal histórico dos rios), não se pode entender o contexto de integração atual de modo desassociado com a Avenida Augusto Montenegro, principalmente pelas atuais e intensas dinâmicas do setor imobiliário, de comércio e serviços que lá se fazem presentes (MENDES, 2014).

Dessa maneira, ocorre na supracitada avenida um adensamento populacional em alguns bairros que cortam a mesma (alguns deles pertencentes ao Distrito de Icoaraci) e, juntamente à isso, na criação de novos espaços de consumo (MENDES, 2014). Surge assim em Icoaraci, além do já consolidado subcentro pioneiro, um subcentro com o intuito de disponibilizar para as camadas mais populares do distrito, bens de consumo, já que estes são estimulados pela metrópole para a realização de seus consumos em centros de menor porte, periféricos (BERRY, 1970).

Nesse sentido, no âmbito metodológico buscou-se abordar a partir de uma análise qualitativa (CRESWELL, 2007) e interdisciplinar (JAPIASSÚ, 1976) elementos da Geografia, da Sociologia e da Psicologia que possibilitassem uma apreensão rigorosa e imparcial do fenômeno socioespacial utilizando como recurso metodológico a dialética (GILL, 2012) e a representação social (BERTONI; GALINKIN,

2017; ALMEIDA, 2001). Outro elemento inserido no processo de construção metodológica, baseou-se através da observação completa de campo com a realização de entrevistas semiestruturadas de caráter aberto e individual.

2. MARCO TEÓRICO

No intuito de desenvolver a abordagem proposta, torna-se necessário uma breve discussão dos conceitos a serem trabalhados. Nesse sentido, buscam-se as contribuições de importantes cientistas sociais, sobretudo, da área da geografia e sociologia para a realização de tal discussão. Desse modo, Milton Santos realiza sua contribuição quando ajuda a pensar os centros da cidade dentro da perspectiva dos países subdesenvolvidos. Diante disso, ele elenca dois aspectos fundamentais para a análise do centro: por ser o nóculo da rede viária e na sua concentração de comércio e serviços para a população (SANTOS, 1981).

Já para Castells (2014) o centro estaria representado pela diversidade de conteúdos sociais em determinado local geográfico, sendo que seu entendimento seria pautado apenas no contexto da estrutura urbana e do seu respectivo processo histórico que lhe fora desenvolvido (CASTELLS, 2014).

Sposito (1991) promove algumas ressalvas importantes, conforme a autora, o centro não está necessariamente no centro geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade se originou. Ela afirma que ele é antes de tudo o ponto de convergência/divergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se deslocam para a interação destas atividades localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela (SPOSITO, 1991). Entende-se, assim, que o sentido que se dá a categoria centro remete-se àquilo que lhe é fixo e aos atributos nele contidos pela sua importância na interação das pessoas e de suas atividades, configurando-se como um nó.

Além disso, é convidativo apresentar outras perspectivas acerca do centro permitindo, sobretudo, a relativização crítica do conceito com o intuito de aprimorar o olhar da investigação para diversas concepções existentes, evitando, assim, o aprisionamento teórico. Serpa (2013) sublinha que embora se entenda que há a hierarquia de centros para mostrar que há lugares mais centrais que outros por

afirmar que tal processo hierárquico é um reflexo e condicionante das desigualdades dos lugares, ela reforça a dialética de centro e periferia. Nesse sentido, o autor destaca que essa dialética é relacionada no âmbito econômico e político.

Sobre os subcentros, Jânio Santos (2011) coloca que se baseia em uma materialidade produzida através do processo de centralidade nas cidades que adquirem contornos diversos diante da constante reestruturação urbana.

A materialidade do processo de constituição de centralidade na cidade pode aparecer sob diversas formas, como centros, sub-centros, áreas de desdobramento dos centros, dentre outras definições. Entretanto, estas formas ao mesmo tempo em que são produzidas por este jogo de relações, influenciam no processo, tendo um plano de determinação na constituição de centralidades na cidade (SANTOS, 2011, p. 7).

Sposito ajuda na compreensão do conceito de subcentro e da consequente subcentralidade constituída nos espaços urbanos, como no distrito de Icoaraci, quando ela situa sua particularidade, pois para ela o subcentro se caracteriza como:

[...] áreas onde se alocam as mesmas atividades do centro principal com diversidade comercial e de serviços, mas em escala menor, e com menor incidência de atividades especializadas. Tais atividades voltadas para um público mais restrito, funcional ou economicamente (SPOSITO, 1991, p. 270).

Esse aspecto se relaciona com as mudanças que o espaço sofre através das modificações na lógica da reprodução do consumo assim como nas transformações na reprodução do capital, influenciando assim, diretamente a reprodução da estrutura urbana (SANTOS, 2011).

A fim de apresentar as contribuições marxistas para o estudo da centralidade em relação a diversos aspectos que são envolvidos diretamente, parte-se primeiramente do entendimento de Castells

(2014) que o percebe imbricado com a estrutura urbana. Nesse sentido, a centralidade urbana é vista a partir da noção dos níveis: econômico, político-institucional, ideológico. Assim, o autor afirma que a centralidade pode ser vista como um ajuste entre as atividades econômicas, político-administrativas, da prática social e da representação coletiva corroborando para a manutenção do conjunto da estrutura urbana.

Desse modo, entende-se que o autor procura mostrar o centro através do seu espaço físico que detém as suas funcionalidades com diversos atributos, embora sendo necessárias, como fio condutor da concretização da centralidade, as redes de transportes e de telecomunicações (CASTELLS, 2014). Portanto, apreende-se nas formulações do autor que o centro se baseia naquilo que é fixo no território enquanto a centralidade é composta pelos fluxos, caracterizando-se assim o centro como expressão e base do processo da centralidade (CORRÊA, 1989).

Neste sentido, diante do contexto da subcentralidade, Berry (1970) aponta este processo inserido dentro da lógica metropolitana, quando aborda que as grandes cidades, por possuírem centros “metropolitanos” de maior importância além de reunirem uma centralidade em nível regional, estimulam as camadas populares mais distantes a realizarem seu consumo em centros de porte menor, periféricos (BERRY, 1970 apud SOUZA, S., 2010).

3. O OLHAR PARA A SUBCENTRALIDADE URBANA E A REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Apresenta-se como recurso teórico-metodológico, advindo da psicologia social, a representação social. Tal recurso é utilizado na tentativa de abarcar componentes que favoreçam e ampliem o entendimento da centralidade urbana a partir da intersubjetividade dos sujeitos. Assim, destacam-se particularmente as contribuições de Moscovici que, a partir de 1960, construiu o conceito de representação social. Segundo o autor, sua teorização parte do pressuposto de que os indivíduos são produtores de significados, não se configurando apenas como meros receptores de informações, um exemplo aplicável na pesquisa são os sujeitos que reproduzem o espaço do distrito de Icoaraci (MOSCOVICI, 2007).

É imprescindível esclarecer que a ideia é a de apontar que a dimensão espacial relaciona-se com o modo que as representações constituem uma espacialização contínua no espaço urbano, em especial na subcentralidade urbana de Icoaraci, apontando que as percepções, e principalmente suas tomadas de decisões, apresentam manutenções e mudanças a partir de determinadas representações.

É importante destacar os elementos que são utilizados para a interpretação da representação social, Moscovici (2007) articula os componentes da cognição, comunicação e dos afetos do ser humano para tal. Com isso, se distancia da linha de pensamento do positivismo, reafirmando a interatividade entre os indivíduos através do cotidiano (ZILHÃO, 2013).

Além de buscar as interferências das representações sociais na atividade cognitiva do homem e das convergências que elas realizam no ser humano através das tradições já existentes, Moscovici (2007) procura compreender o processo gestacional das representações sociais. Nesse sentido, a teoria se pauta em torno de duas noções, como: na transformação de tornar algo familiar ao que antes não seria e também na reafirmação da não-familiaridade pelo sujeito.

Dois mecanismos postulados por Moscovici (2007) são fundamentais, pois favorecem o entendimento de que as representações sociais pelos sujeitos são desenvolvidas por meio da ancoragem e objetificação. O primeiro se baseia na integração de novas informações em categorias que o sujeito já detém através de experiências anteriores, isto é, a ancoragem atua no processo de familiarizar o que antes não era vivenciado pelo indivíduo. Como demonstra Moscovici (2007, p.63):

Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras. Nós experimentamos uma resistência, um distanciamento, quando não somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas. O primeiro passo para superar essa resistência, em direção à conciliação de um objeto ou pessoa, acontece quando nós somos capazes de colocar esse objeto ou pessoa em uma determinada categoria, de rotulá-lo com um nome conhecido.

Já a objetificação atua na união da ideia daquilo que antes não consistia como familiar, na tentativa de tornar aquilo real de tal modo que seja visível e acessível ao sujeito (MOSCOVICI, 2007).

Partindo do exposto, Zilhão (2013) nos apresenta a representação social na figura da cidade através da centralidade urbana. Essa associação faz com que a âncora da representação social seja o centro, entendendo o autor que é o lócus essencial dos processos de ancoragem e objetificação do sujeito na cidade. Conforme Zilhão (2013), o centro, além de ser posterior à objetificação, é também anterior ao passo que no processo de formação dos centros das cidades “a evolução histórica urbana criou condições para a construção dos centros enquanto elementos âncora, através do reforço” (ZILHÃO, 2013, p. 67) no espaço de práticas sociais por diversos grupos.

O autor destaca que o centro pode ser entendido como o lócus urbano em que a capacidade social dos sujeitos de atribuir e partilhar significações comunica e reproduz o sentido e significado reforçados. Nesse sentido, “o centro resulta, não só de atributos físicos e funcionais intrínsecos, mas resulta, também, de qualidades atribuídas e reforçadas pelos mecanismos do processo de representação social da cidade.” (ZILHÃO, 2013).

Com a emergência de novas subcentralidades e de novas acessibilidades no espaço urbano, o centro tradicional perde a importância não somente em seu aspecto funcional, mas também como o lócus de referência dos sujeitos, sobretudo, para o entendimento do cotidiano pelas suas vivências diferenciadas (ZILHÃO, 2013).

Pontua-se também que o intuito no pressuposto artigo parte em pensar o espaço e as centralidades como bases da vida cotidiana na produção de identidades individuais e coletivas na metrópole (SERPA, 2013; CARLOS, 2001). Tais processos podem ser evidenciados nas narrativas coletadas dos entrevistados pela pesquisa, contudo ressalta-se a intenção de aprofundamento, sobretudo, nas práticas e representações de moradores que assumem a posição de consumidores de bens e serviços no espaço urbano do supracitado distrito.

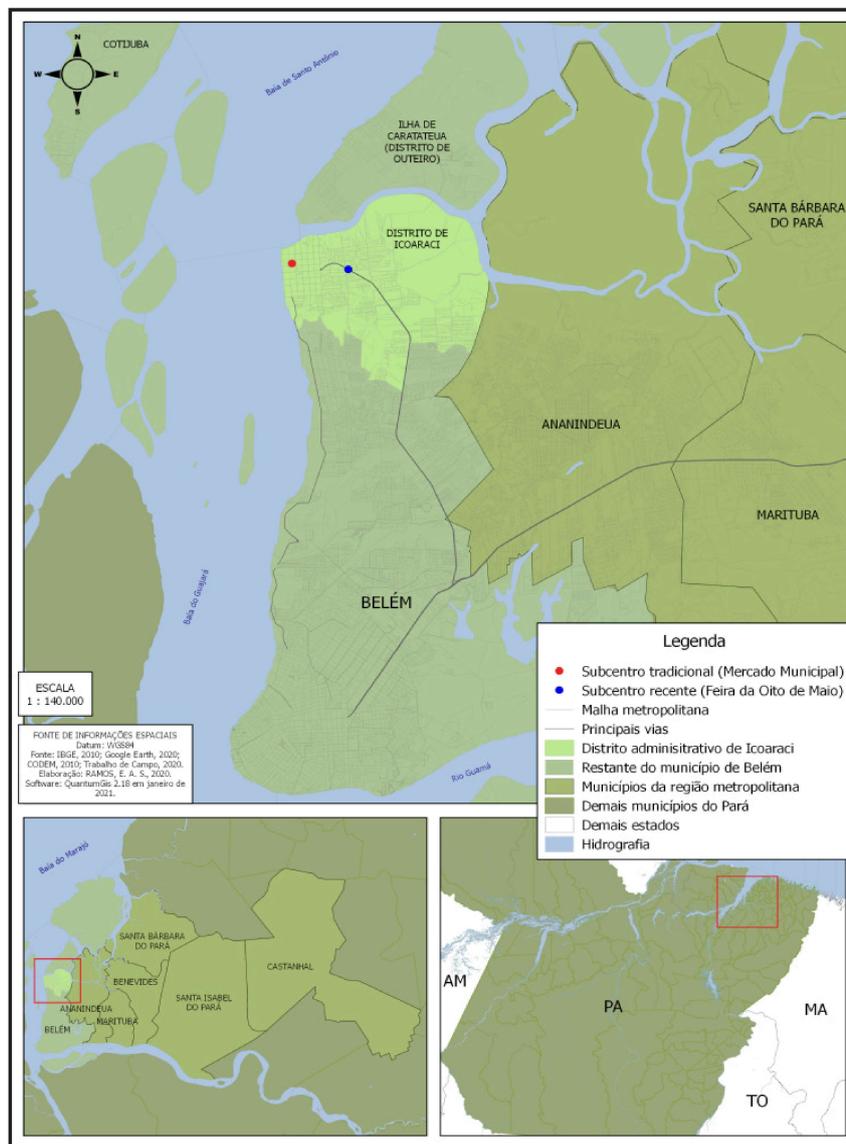
4. O DISTRITO DE ICOARACI EM QUESTÃO

Desde a formação de Icoaraci, o núcleo sempre estabeleceu relação socioeconômica com a cidade de Belém e outras localidades (FIGUEIREDO; PIANI, 2006), sobretudo, com a região das ilhas na parte

setentrional do estuário guajarino. Essa relação se deu, principalmente, pela migração regional ocasionada e com o perfil exercido de entreposto comercial na distribuição e recebimento de produtos para comercialização, seja num primeiro momento articulado apenas através da baía (CASTRO, 2019), posteriormente pela ferrovia e nos dias atuais pelo modal rodoviário que marca a sua integração com a metrópole (DIAS, 2007).

Ademais, Dias (2007) assinala a existência de dois subcentros, um tradicional/pioneiro por existir desde a gênese do núcleo próximo ao rio, atualmente localizado no bairro do Cruzeiro, tendo sua origem a partir de um entreposto comercial.

Mapa 1 - Icoaraci - Localização dos subcentros abordados e seus principais espaços de consumo. 2020



Fonte: Elaboração própria.

Foto 1 - Icoaraci – Comércio no subcentro tradicional, localizado no bairro do Cruzeiro. 2019-2020



Fonte: Erick Ramos (2019, 2020).

Acerca do subcentro tradicional/pioneiro, Dias (2007, p. 145) o caracteriza como:

[...] a área mais antiga e que oferece maior e mais diversificado número de atividades e funções, conseqüentemente, onde circula um grande número de pessoas. Desse modo, o vetor da travessa Cristóvão Colombo, o mais importante corredor comercial e de serviços. No núcleo pioneiro, destaca-se comercialmente um quadrilátero formado pelas seguintes ruas: Travessa do Cruzeiro, 15 de Agosto, São Roque, Siqueira Mendes, tendo ao centro a travessa Cristóvão Colombo, onde estão localizadas as mais importantes atividades comerciais e serviços.

Com a dimensão de sua abrangência sendo descrita da seguinte maneira:

A localização de atividades comerciais tem se intensificado nesta área da cidade em função do papel que Icoaraci exerce na área de influência; é um importante entreposto de verduras, frutas, produção pesqueira industrial e artesanal que vêm das ilhas, do nordeste paraense, ilha de Marajó, Baixo Tocantins. É também o local onde se

localizam os comércios que fornecem gêneros de primeiras necessidades às populações ribeirinhas que vivem nas ilhas ao longo da baía do Guajará e do furo do Maguari. Da mesma forma que é o local que oferece os mínimos serviços como assistência médica pública e privada, ambulatorial, bancária, religiosos, educacional, comercial etc. É intensa a vida na orla fluvial, o movimento de embarcações no porto local que se deslocam com destino a vários municípios, como nas demais cidades ribeirinhas da Amazônia, em que a população que mora ao longo dos rios procuram nas cidades mais desenvolvidas satisfazer as necessidades, em outras palavras, é um lugar de grande importância no contexto da microrregião onde se encontra, sendo um importante pólo articulador com a região do entorno. (DIAS, 2007, p. 148).

Ademais, surge em Icoaraci, além do já consolidado subcentro pioneiro, um subcentro localizado entre os bairros da Campina de Icoaraci e da Agulha com o intuito de disponibilizar, para as camadas mais populares do distrito, bens de consumo, já que estes são estimulados pela metrópole para a realização de seus consumos em centros de menor porte, periféricos (BERRY, 1970). Nesse contexto, até então, a população ainda havia que se deslocar para o subcentro tradicional para a possibilidade de obtenção de produtos.

Foto 2 - Icoaraci - Comércio no subcentro recente, localizado no bairro da Campina de Icoaraci.2019-2020



Fonte: Erick Ramos (2019, 2020).

Optou-se, na intenção de alcançar uma organização metodológica, a exposição das narrativas de modo individualizado, com o objetivo de que as práticas cotidianas particulares obtivessem destaque. Posteriormente, essas práticas foram reunidas, a fim de analisar as mudanças temporais de subcentralidade e, sobretudo, as relações construídas pelo sujeito que, através da articulação das principais narrativas escutadas em campo com alguns dos elementos que norteiam a representação social, possibilitassem compreender a redefinição da subcentralidade icoaraciense.

5. AS NOVAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS SUJEITOS NA SUBCENTRALIDADE RECENTE DO DISTRITO DE ICOARACI

Percebe-se que as práticas comerciais dispostas anteriormente no subcentro tradicional de Icoaraci, se dispõem nos dias atuais para outros espaços próximos à Avenida Augusto Montenegro. Se a mudança é recente e envolve elementos forjados pela metropolização de Belém, há que se considerar que sua gênese é relativamente antiga e foi capitaneada pelas atividades de caráter informal que deram origem à Feira da Oito de Maio, incidindo diretamente na construção de representações passadas que culminaram em lembranças dos moradores que cotidianamente consomem esses espaços.

De primeiro, tudo era pro Mercado Municipal e mercadinhos, até pro pessoal da ilha que vinha pelo trapiche, agora já tem os supermercados e o povo já vai tudo para lá [Oito de Maio], tem muito comércio grande lá para a Agulha agora. (Informação verbal²).

Hoje aqui em Icoaraci você faz muito mais compras na Oito de Maio por causa da feira e do acesso. O preço é muito melhor do que no centro de Icoaraci. (Informação verbal³).

² Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Zózimo, em 11 de dezembro de 2019.

³ Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

Geralmente, eu vou na Feira da Oito de Maio fazer compras, eu hoje pouco frequento o trapiche do mercado. Na Oito é mais em conta as coisas, no Mercado Municipal já foi bom quando não tinha a Oito, agora lá na Oito tem o peixe, tem a carne, tem a farinha a verdura aí sai mais em conta porque acabou o movimento no mercado. O mercado deixou de ser barato há uns 15 a 20 anos atrás. (Informação verbal⁴).

Associando ao que a teoria da representação postula, a Feira da Oito de Maio e toda a sua dinâmica pode ser considerada como uma ancoragem superada estando em fase de consolidação do processo de objetificação no espaço urbano. Esta última se aproxima da realidade, pois procura reafirmar a familiaridade já construída da feira no processo cognitivo daqueles que a consomem. Tal reafirmação é assentada através de suas qualidades na atração de pessoas, já que ela intriga a comunidade pelo conteúdo existente, e também por ter se dado de modo recente em comparação à espaços mais antigos como o Mercado Municipal localizado historicamente próximo ao rio, atraindo assim fluxos para a nova área (MOSCOVICI, 2007).

Com a superação da não-familiaridade já ocorrida, o processo de objetificação se apresenta como o momento da inserção gradual daquilo que anteriormente não se conhecia e que passa a se experimentar, seja através de imagens, gestos e linguagens transformando-se no cotidiano ou na própria experiência socioespacial. Nesse contexto, a Feira da Oito de Maio reúne as recentes preferências de consumo na maioria da população que vive ou frequenta o tradicional e/ou o recente espaço de consumo em Icoaraci, apresentando-se, nesse momento de objetificação, num processo ainda em consolidação por receber todos os dias novos consumidores (MOSCOVICI, 2007).

Os atributos que podem caracterizar e condicionar a Feira da Oito de Maio como um espaço presente na objetificação no cognitivo dos indivíduos, se dispõem a partir dos signos espaciais expressos ao redor e no interior da feira. Esses signos se apresentam nas imagens das ofertas estampadas nas placas dos produtos à venda; na variedade de frutas e verduras entre outros produtos que atraem o consumidor;

⁴ Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.

na comunicação interindividual que gradualmente torna-se rotineira e que aproxima através da linguagem o vendedor ao consumidor a partir do ambiente que eles se inserem; e também no dinamismo gestual do movimento frenético de pessoas que envolvem praticamente a feira ao todo e que gera inquietação aos que ainda não a conhecem (JOVCHELOVITCH, 2004; MOSCOVICI, 2007).

Diante do universo das narrativas ouvidas, selecionaram-se também representações do cotidiano de alguns sujeitos no interesse de realizar análises nas quais os elementos para a construção da representação social fossem evidenciados contribuindo para a análise da reconfiguração da subcentralidade urbana atual no espaço urbano de Icoaraci.

Nesse sentido, acerca da construção de representações no que se refere ao âmbito comercial, narrativas acerca do histórico Mercado Municipal são constantemente reproduzidas no espaço urbano por diversos segmentos. Dentre elas, destacam-se a degradação do espaço, dos produtos ofertados e, sobretudo, dos preços.

A queda dos consumidores aqui no mercado é porque tem muita mercadoria aqui que o pessoal vende caro, aí o pessoal procura a Oito de Maio para comprar. Por exemplo, a farinha aqui tá 5, 6 reais o litro, lá na Oito é 2,50 o litro, eu mesmo compro na Oito de Maio por causa do valor. Aí o consumidor deixa de vir no mercado porque acha que tudo é caro e só vai na Oito. (Informação verbal⁵).

Na narrativa acima, os próprios comerciantes localizados no interior do mercado revelam os preços mais elevados dos produtos lá comercializados por outros segmentos, já que sua oferta é variada no espaço. Depreende-se que, diante de alguns preços elevados, o mercado em si fora qualificado como um espaço de consumo de valor maior em relação a outras feiras.

O comércio daqui de perto [área central do distrito] perdeu espaço para o lá da Feira da Oito de Maio. Vá domingo lá no Mercado Municipal para o senhor ver como tá seco de gente, aí dê uma passada

⁵ Entrevista concedida pela feirante do ramo de vestuário, Dona Rosinete, em 18 de janeiro de 2020.

no mesmo dia lá na Oito para o senhor ver o quanto de gente tá lá comprando, o senhor não pode nem passar de carro, de moto e nem de bicicleta. Lá além dos feirantes no meio da rua que vende de tudo, tem as lojas nos dois lados. (Informação verbal⁶).

A passagem acima também aponta, agora por parte de um morador da área central do distrito, que as trocas de experiências e informações sobre o Mercado Municipal são existentes para além de um restrito grupo social que a desenvolve, transformando para além das preferências, também a intensidade dos fluxos. Essas percepções são transformadas já que, num tempo anterior, elas se constituíam como uma realidade distinta da atual, sendo qualificada hoje apenas como lembranças (BOSI, 1994).

As pessoas procuram onde é mais acessível, onde você pode comprar e trazer muito. Hoje é mais acessível ir para a Augusto Montenegro do que consumir aqui [no Mercado Municipal], o que ainda é vantajoso é a parte do pescado que você ainda consegue peixe e caranguejo, mas mesmo assim, se você for mais cedo para a Oito de Maio, você paga mais barato do que aqui. O caranguejo lá é mais barato do que aqui perto no trapiche. Se você for fazer um vatapá, eu tava fazendo pesquisa de camarão salgado, para lá [Oito de Maio] é mais barato, aqui [mercado municipal] é mais caro. (Informação verbal⁷).

Outra moradora ratifica o que vem sendo constatado na área central do distrito, a decadência dos fluxos que tem como destino, sobretudo, o Mercado Municipal. Outro elemento surge nesse contexto que acentua a construção dessas percepções pelo cognitivo dos sujeitos (MOSCOVICI, 2007), as relações paradoxais do comércio

⁶ Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.

⁷ Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

de produtos originários do rio. Produto como o caranguejo, crustáceo que vive no ecossistema dos manguezais próximo ao leito dos rios que, nesse caso particular, são vendidos no Mercado Municipal há poucos metros do trapiche localizado na baía do Guajará, possuem valor mais elevado comparado àqueles comercializados na Feira da Oito de Maio, distante do trapiche.

Considera-se que para além da questão econômica, ligada à diferença de preços, essa realidade representa a ampliação dos espaços de trocas econômicas entre o urbano e o rural amazônico, expandindo para além dos portos e trapiches as condições de reprodução social dos ribeirinhos (CASTRO, 2019).

Avançando nas análises encontradas no âmbito da realidade comercial icoaraciense, outra narrativa ouvida pelos sujeitos se apresenta no valor acessível e na variedade que constitui a dinâmica da Feira da Oito de Maio no subcentro recente.

O comércio da Oito de Maio é preço, ele atende uma classe baixa para paupérrima, meu irmão tem uma loja lá e ele diz que tem que ter preço, se um item daqui que eu vendo por 10, lá ele tem que vender à 7, ele ganha mixaria lá, eu nunca quis ir pra lá. O comerciante tem que ter uma porcentagem de lucro menos que isso não dá pra pagar tanto imposto que tem. (Informação verbal⁸).

Na narrativa acima, tem-se o comentário de um comerciante da área de influência do subcentro tradicional que mesmo em tom de descontentamento com a concorrência existente no subcentro em expansão, admite os fatores que são determinantes para o crescimento dos fluxos para a área da Oito de Maio e, conseqüentemente do consumo em seu entorno, abrangendo a Avenida Augusto Montenegro.

A Feira da Oito de Maio é uma feira que vende muito produto barato aqui. Aparece gente de Cotijuba e Marajó, porque lá próximo ao trapiche tem um mercado lá que é muito caro as coisas e aqui é mais fácil pra se comprar, tem tudo aqui

⁸ Entrevista concedida pelo comerciante de produtos voltados ao trabalho e variedades, José Roberto, em 09 de janeiro de 2020.

que você procurar, aqui na Feira da Oito de Maio o que você procurar você encontra. Lá [Mercado Municipal] é mais perto pra eles, mas não tem opção, aí eles preferem vir pra cá [Oito de Maio]. (Informação verbal⁹).

A Feira da Oito de Maio é uma feira em si popular, aqui vem o rico, vem o pobre, vem a classe média, classe alta e classe baixa. Ele vêm porque aqui tem muita coisa barata, muita coisa se encontra aqui. (Informação verbal¹⁰).

Já nestas falas, apresentam-se os comerciantes da Oito de Maio que expõem a variedade e o valor dos produtos ofertados na feira em um âmbito geral, para além de suas atividades específicas. Essas falas, embora sendo construídas por grupos distintos ao anterior, diante da localização e dos interesses pessoais implícitos, corroboram para uma construção representativa que qualifica atualmente a Oito de Maio, sendo produzida assim uma significação a partir das relações sociais estabelecidas (ZILHÃO, 2013).

[...] eu vou na Feira da Oito de Maio fazer compras, eu pouco frequento o trapiche do mercado. Na Oito é mais em conta as coisas, no Mercado Municipal já foi bom quando não tinha a Oito, agora lá na Oito tem o peixe, tem a carne, tem a farinha a verdura aí sai mais em conta [...] (Informação verbal¹¹).

Às vezes vou na Oito de Maio, porque fora a feira do Cordeiro a gente encontra tudo que a gente quer buscar. Mas na Feira da Oito de Maio é mais completa, mais variedade, o preço é melhor lá. (Informação verbal¹²).

⁹ Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Delson Macedo, em 16 de janeiro de 2020.

¹⁰ Entrevista concedida pelo feirante do ramo de hortifrúti, Francisco Edmundo, em 16 de janeiro de 2020.

¹¹ Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.

¹² Entrevista concedida pela moradora do bairro da Pratinha, Dona Tereza, em 21 de fevereiro de 2020.

Quando tô com pressa, vou na feira aqui do Eduardo Angelim [Conjunto Habitacional], mas eu prefiro a da Oito de Maio porque ela é maior né e fora que é mais barato. (Informação verbal¹³).

Eu acho que o comércio pra lá [área central] não é como antes, antes era intenso. Porque eu vejo muita gente que mora pra lá pro centro de Icoaraci, amigos meus que moram pra lá, eles vem fazer compra aqui na Feira da Oito de Maio, porque aqui tem tudo, tu encontra tudo. (Informação verbal¹⁴).

Nos trechos destacados, encontra-se a narrativa de diversos moradores, que residem em distintas áreas, seja em Icoaraci e de seu entorno, revelando aspectos de preferência pela Oito de Maio devido sua variedade e preço mais acessível. Essa escolha se associa à um outro elemento formador da interpretação da representação social, o afeto do ser humano (MOSCOVICI, 2007). Esse afeto está intrinsecamente interligado às preferências constituídas por estes indivíduos diante da sua experiência espacial cotidiana.

É importante ressaltar que embora em alguns casos a feira seja a segunda opção para alguns entrevistados, essa condição se deve à fatores como localização e distância que não os privilegiam não anulando, contudo, a importância da feira para seu cotidiano.

Uma das narrativas levantadas em campo se direcionam à oferta de bens e serviços no distrito, a qual diminui a dependência na aquisição de determinadas itens em relação ao centro da cidade de Belém.

Hoje não é viável ir para Belém comprar um par de sapatos, não é viável ir para comprar uma maquiagem. Hoje tem o Empório Mix aqui, você tem outras lojas também de maquiagem e vestuário também para o lado da COHAB [conjunto habitacional localizado no bairro

¹³ Entrevista concedida pelo morador do bairro do Parque Guajará, Seu Garcia, em 19 de dezembro de 2019.

¹⁴ Entrevista concedida pelo morador do bairro das Águas Negras, Seu Djair, em 18 de dezembro de 2019.

da campina próximo à Feira da Oito de Maio]. (Informação erbal¹⁵).

Vestuário a gente compra na Paraibana, dificilmente vou no Ver-o-Peso, não é toda vez não, mais final de ano mesmo. Mas quando a gente necessita de uma roupa em cima da hora a gente compra por aqui mesmo, uma camisa, um chinelo, aqui tem tudo que a gente precisa pode vê, tem muita loja em Icoaraci. (Informação verbal¹⁶).

Muito difícil eu ir em Belém, a última vez foi para fazer um pagamento da conta da Yamada porque a loja daqui fechou e eu tive que ir lá pra Belém pagar e olha que a Yamada saiu daqui já tem um tempo. Tudo que preciso tenho em Icoaraci. (Informação verbal¹⁷).

Percebe-se no contexto das narrativas dos moradores, que vivenciam o distrito cotidianamente, um tom de satisfação com os equipamentos hoje existentes tanto no subcentro tradicional como nos espaços mais recentes de consumo. Essa representação coletada por estes moradores auxilia na compreensão das experiências existentes que contribuem para a justificativa da oposição na procura de espaços mais distantes de sua residência. Os trechos apresentados destacam-se como produtos da construção da ação comunicativa com o passar do tempo entre os indivíduos que residem no distrito, resultando na sensação de maior autonomia de Icoaraci em relação a outros espaços de comércio e serviço localizados fora do distrito, sobretudo, na cidade de Belém (JOVCHELOVITCH, 2004).

¹⁵ Entrevista concedida pela moradora do bairro da Ponta Grossa, Dona Cátia, em 11 de dezembro de 2019.

¹⁶ Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Nazareno, em 11 de dezembro de 2019.

¹⁷ Entrevista concedida pelo morador do bairro do Cruzeiro, Seu Zózimo, em 11 de dezembro de 2019.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o cotidiano dos sujeitos foi reconfigurado a partir das novas formas, funções, estruturas e processos dispostos na Vila Sorriso. Essa reconfiguração transformou vivências, usos, apropriações e experiências no espaço urbano, descentralizando assim, atividades econômicas e também os locais de referências dos sujeitos, gerando rupturas.

Uma das rupturas espaciais profundas nas narrativas dos sujeitos entrevistados é encontrada na preferência por outros espaços de consumo em relação ao Mercado Municipal, onde alguns dos motivos norteiam-se para o valor elevado no produto, na falta de variedade e na degradação do espaço público. Essa ausência de consumidores é refletida em representações tanto de moradores quanto dos próprios comerciantes internos e externos do mercado que corroboram e influenciam na dinâmica que atualmente o mercado desenvolve.

Vislumbra-se no subcentro recente uma efervescência de novos equipamentos de comércio seguindo novas lógicas e estruturas comerciais, embora não se possa esquecer que a gênese desse movimento ainda se encontra enraizada pelo comércio informal, sobretudo, através da Feira da Oito de Maio que irradia fluxos constantes para a Avenida Augusto Montenegro assumindo papel significativo para tal compreensão.

Pode-se concluir que por ser territorialmente extensa a área do distrito, as realidades entre eles possuem diferenças que abarcam as localizações de suas residências em relações aos equipamentos, às vias de deslocamento, à renda e, conseqüentemente, a inserção social através do acesso aos bens e serviços, culminando nas experiências espaciais obtidas pelo indivíduo e na qualidade de vida.

Acerca do consumo, essas representações condicionam áreas e corredores de circulação no espaço que a partir dos fluxos gerados fortalecem ou enfraquecem subcentros dependendo das atividades em relação às suas preferências. Nesse sentido, as dinâmicas são afetadas pelas experiências dos sujeitos que influenciam outros sujeitos.

Considera-se, portanto, a inter-relação pela ação comunicativa entre os sujeitos como meio elementar para o desenvolvimento da manutenção e das mudanças de preferências de equipamentos e

espaços de consumo pelos grupos sociais em destaque. No ouvir sobre a vivência cotidiana dos moradores florescem também representações de alguns dos sujeitos na sensação de redução da dependência em relação aos produtos e/ou serviços existentes no centro de Belém diante da relativa facilidade de acesso à determinados equipamentos no distrito, justificada pelo intenso processo de metropolização que o espaço urbano icoaraciense vêm recebendo atualmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. M. de O. A pesquisa em representações sociais: fundamentos teóricos metodológicos. **Ser Social**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 129-158, jul./dez, 2001.
- BELÉM. Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão. Características demográficas e sócio econômicas da população. *In*: BELÉM. Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão. **Anuário Estatístico do município de Belém 2011**. Belém: Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão, 2012. Disponível em: http://www.belem.pa.gov.br/app/ANUARIO_2011/2_01_Demografia.pdf. Acesso em: 08 mar. 2019.
- BERRY, B. **Geographic perspectives on urban systems**. Englewood Cliffs: New Jersey Prentice-Hall, 1970.
- BERTONI, L. M.; GALINKIN, A. L. Teoria e métodos em representações sociais. *In*: MORORÓ, L. P.; COUTO, M. E. S.; ASSIS, R. A. M. (org.). **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias**. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017. p. 101-122. *E-book*. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/yjxdq/pdf/mororo-9788574554938-05.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2020.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 402.
- CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CASTELLS, M. **A Questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. 506 p.
- CASTRO, E. Cidades amazônicas na confluência das águas. *In*: UHLY, S.; SOUZA, E. L. (org.). **A questão da água na grande Belém**. 1. ed. Belém: UFPA/Casa de estudos germânicos, 2004. p. 11-38.
- CASTRO, E. Urbanização, pluralidade e singularidades das cidades amazônicas. *In*: CASTRO, E. (org.). **Cidades na floresta**. São Paulo: Annablume, 2008. p. 13-39.
- CASTRO, E. Belém do Grão-Pará: de águas e de mudanças nas paisagens. *In*: STOLL, E.; ALENCAR, E.; FOLHES, R.; MEDAETS, C. (org.). **Paisagens Evanescentes**. 1. ed. Belém: NAEA, 2019. v. 1, p. 1-32.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

- CRUZ, S. H. R.; CASTRO, E. R. de; SÁ, M. E. R. de. Grandes projetos urbanos em metrópoles amazônicas: modernização e conflito. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 14, n. 2, p. 89-116, dez. 2011.
- DIAS, M. B. **Urbanização e ambiente urbano no distrito administrativo de Icoaraci, Belém-PA**. 2007. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- FIGUEIREDO, S. L.; PIANI, A. T. **Mestres de cultura**. Belém: EDUFPA, 2006.
- GILL, R. Análise de discurso. *In*: BAUER, M. W.; GAASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 224-270.
- JAPIASSÚ, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976.
- JOVCHELOVITCH, S. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 20-31, ago. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822004000200004>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 jun. 2020.
- MENDES, L. A. S. **A urbanização metropolitana estendida: aspectos da produção do espaço de Belém e de sua região**. 2018. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- MENDES, L. A. S.; OLIVEIRA, J. M. G. C. Espaços elitizados de moradia e consumo: novas centralidades urbanas na Região Metropolitana de Belém-PA. **Ensaios de Geografia**, Niterói, v. 4, p. 26-49, 2014.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SANTOS, J. Centro, sub-centros e novas centralidades na metrópole sotropolitana. *In*: ENCONTROS DE GEOGRÁFOS DA AMÉRICA LATINA, 11., 2011, San José. **Anais [...]**. San José: [s.n.], 2011. p. 1-21. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal11/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/18.pdf>. Acesso em: 4 out. 2019.
- SANTOS, M. **Manual de geografia urbana**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- SPOSITO, M. E. B. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista de Geográfica**, São Paulo, n. 10, p. 1-18, 1991.
- SERPA, A. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. *In*: CARLOS, A; SOUZA, M; SPOSITO, M. E. B. (org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 97-108.
- SPOSITO, M. E. B. Reestruturação das cidades. *In*: SPOSITO, M. E. B. **O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo**. 2004. 504 f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.